

## FICÇÃO OU COMEÇO DE UMA ALIENAÇÃO?

por ASTÉRIO CAMPOS

Professor da Universidade de Brasília

RESUMO: Analisa-se criticamente o emprego do computador no campo da Biblioteconomia e, de um modo especial, no Brasil.

He makes a critical analysis of the use of the computer in the field of Librarianship with special reference to Brazil.

Quando os estudiosos da realidade brasileira dizem que um dos traços característicos de nosso complexo cultural é a heteronomia e a alienação, talvez não os levemos muito a sério. Entretanto, o que vem acontecendo, ultimamente, com a biblioteconomia brasileira pode servir de ilustração dessa nossa peculiaridade.

O leitor provavelmente não desconhece as invejáveis realizações da biblioteconomia e da documentação nos Estados Unidos. Num país evoluído também, e sobretudo, do ponto de vista da documentação (baste lembrar, entre outras cousas, as somas verdadeiramente astronômicas, ao menos quando comparadas com os nossos mínguaos recursos, destinadas pelo govêrno e pelas entidades particulares ao desenvolvimento da documentação), a biblioteconomia americana não hesitou em pedir à tecnologia moderna a contribuição do computador eletrônico. Ainda é cedo para um balanço decisivo dessa contribuição. Mas, a julgar pelas informações que, ultimamente, nos têm chegado, ela ainda não correspondeu às expectativas. Um dos críticos mais desinibidos dessa nova fase da biblioteconomia americana, Elsworth Mason, em artigo publicado em maio deste ano <sup>(1)</sup>, não hesita em chamá-la de «estouro de um balão de gás» (the great gas bubble prick't). E a conclusão a que chega, nesse mesmo artigo, é que «nossa experiência com o computador em serviços de biblioteca constituiu mais uma reprise de «The Emperor's New Clothes» e aquilo que nos fizeram crer serem montanhas repletas de ouro, embora de difícil acesso, não passou, a uma análise mais minuciosa, de braseiros acesos da bem nutrida indústria dos computadores». E trouxe exemplificação pitoresca. O proces-

(1) *The Great Gas Bvble Prick't; or Computers Revealed*. «College & Research Libraries», Chicago, 32 (3) Maio 1971, p. 183-196. Utilizamos a tradução feita por Antonio Agenor Briquet de Lemos, professor da UnB.

samento automático dos serviços de uma biblioteca de 175.000 volumes, com uma circulação diária de 700 volumes, equivale ao aluguel de um Boeing 747 para transporte de um bombom até o outro lado da cidade. Examinando a situação da biblioteconomia americana, com maior acuidade, concluiu: «Esta situação caracteriza exatamente a estultícia de um dos períodos mais curiosos da história deste país — o período que começou com as repercussões do lançamento do Sputnik, o qual pareceu, por um instante, arrebatar uma ponta de nossa coroa de líder mundial, despojando-nos, por assim dizer, de nossa masculinidade... Já se tornou dolorosamente evidente que a tecnologia é uma espada de Dâmocles de dois gumes. Sérias dúvidas foram levantadas quanto aos grandes benefícios proporcionados pelo computador, mesmo em grandes indústrias. Entretanto os bibliotecários, sem perceber os sinais da mudança, vão seguindo numa espécie de atordoamento, como novinhos estonteados antes do abate, porque a indústria dos computadores e suas criadas públicas lhes poluíram os cérebros». Como se vê, não é pacífica a situação dos computadores a serviço da biblioteconomia americana. Outro depoimento não menos interessante, embora sob ângulo diverso, é o de Jesse H. Shera, no artigo intitulado «The Sociological Relationships of Information Science», publicado no começo deste ano, em *Journal of the American Society for Information Science* <sup>(1)</sup>.

Mas, o que aqui nos interessa diretamente é o que vem acontecendo com a biblioteconomia brasileira. Não há exagêro de retórica: De repente foi ela acometida de violenta febre eletrônica. Nos congressos, nas palestras, nas publicações, tudo eram preocupações com o computador. Que seria da biblioteconomia brasileira, dagora por diante, sem o computador? Quem quiser constatar essa hipertensão, folheie os Anais do Segundo Congresso Regional sôbre Documentação, organizado pelo IBBD, que se realizou de 23 a 28 de novembro de 1969, no Rio de Janeiro. Afora tímidas contribuições relacionadas com a CDU (nem fôra decente a omissão completa, num congresso organizado pelo membro nacional da FID, de qualquer alusão à CDU), tudo o mais foram estudos e arrazoados no sentido da implantação do computador nas bibliotecas e centros de documentação brasileiros. Não houve porém a pergunta básica de que nos advertem os relatores do projeto UNISIST: temos bibliotecas e centros de documentação que possam servir de infraestrutura à utilização do computador? Esta interrogação não foi posta nem poderia sê-lo. Agora é a vez do computador, seja lá como fôr. O clima é êste. E para que o leitor não pense que estamos fantasiando, tente examinar a estrutura do primeiro e, por enquanto único, curso de pós-graduação em biblioteconomia existente no Brasil, que funciona junto ao IBBD. Analise os programas e verá esta verdade patente: a biblioteconomia brasileira entrou definitivamente na fase da automação. E como corolário não faltou quem veiculasse a idéia segundo a qual os processos da biblioteconomia são hoje ferros velhos, peças de museu a serem quanto antes recolhidas para dar lugar às novas técnicas. Seria descabido perguntar se não existe alguma relação entre êsse novo clima e a demora, já agora

<sup>(1)</sup> *The Sociological Relationships of Information Science*. «Journal of the American Society for Information Science», Washington, 22 (2) Mar. 1971, p. 76-78.

irritante, na publicação das tabelas da edição média da CDU, que a Universidade de Brasília numa colaboração com a IBBD/CDU parcialmente traduziu e multicopiou em texto provisório para revisão e crítica, no mesmo ano (1967) em que saía a edição alemã-padrão? Porque até o presente não foi possível colocar nas mãos dos bibliotecários brasileiros êsse modesto instrumento que proporcionará ao menos um pouco de ordem no material bibliográfico de que dispõem? Espera-se, por acaso, que o computador virá a substituí-las? Outras interrogações seria lícito levantar, mas o que realmente importa é saber se caminhamos para soluções objetivas e realistas ou se a fascinação do computador nos leva a confirmar a triste certeza de que não estamos no fim, mas no começo de uma terrível alienação.